

## TRADIÇÃO ORAL: MEMÓRIA E EXPECTATIVAS DO PÚBLICO VISITANTE DO CASTELO MOURISCO

Por: Henrique Lacerda de Afonso Correia

hllacorreia@yahoo.com.br

Fundação Instituto Oswaldo Cruz / Casa de Oswaldo Cruz / Museu da Vida

### 1. Introdução

O Castelo (ou pavilhão) Mourisco, construção ímpar na paisagem do Rio de Janeiro e símbolo da Fundação Instituto Oswaldo Cruz é sem dúvida um dos prédios mais impressionantes desta cidade. Sua arquitetura neo-mourisca chama a atenção não só do turista, mas também dos próprios moradores do Rio de Janeiro. Estes, hoje em dia, logo associam o inusitado prédio à FIOCRUZ e conseqüentemente à ciência e à medicina.

Desde o começo de suas atividades, em 1999, o Museu da Vida oferece como uma de suas atividades, uma visita monitorada ao Castelo Mourisco. Durante as apresentações desta, notamos por parte do público visitante uma grande curiosidade sobre essa construção. As histórias sobre Oswaldo Cruz e o Pavilhão Mourisco são um misto de realidade com mitos, alguns muito lisonjeiros, outros nem tanto. Porém um aspecto parece ser unânime, a admiração e o orgulho pelo cientista Oswaldo Cruz e por sua obra. O Castelo preserva consigo a capacidade de despertar emoções e curiosidades nas pessoas é também um ótimo chamariz como demonstra o fato do Espaço Passado e Presente, responsável pelas visitas ao Castelo ser o mais procurado pelo público.<sup>1</sup>

A tarefa de mediar essas visitas nos deparam freqüentemente com situações e questionamentos bastante curiosos, que nos remetem a uma espécie de memória coletiva, formada ao longo dos anos e que como toda memória está em constante mutação. Procurar esboçar um pouco dessa memória pareceu-nos ser bastante útil, já que em nosso trabalho temos de lidar freqüentemente com ela.

O primeiro passo deste trabalho foi a busca por informações sobre a história do Instituto e sobre a construção da imagem do cientista Oswaldo Cruz. Num segundo momento colhemos depoimentos de visitantes do Museu da Vida, a partir de um questionário simples com seis perguntas que buscavam identificar os conhecimentos que os entrevistados tinham acerca do Instituto de Manguinhos, do Castelo Mourisco e de Oswaldo Cruz, tentando identificar a imagem que eles traziam sobre estes, e a principal motivação de sua visita. O público alvo desta pesquisa

foram os visitantes de final de semana, por serem estes dias destinados a visitas livres e portanto traz um público mais espontâneo. A faixa etária escolhida foi bastante ampla, sendo o depoente mais jovem de vinte e três anos de idade. Colhemos quarenta depoimentos que para as dimensões e pretensões do trabalho mostrou-se suficiente, para depois fazermos nossas considerações.

## 2. A formação do mito

Após a precoce morte de Oswaldo Cruz, em fevereiro de 1917, vários esforços foram empreendidos no sentido de perpetuar-se seu nome e sua obra. Nesse mesmo ano, Carlos Chagas fechou a sala do antigo diretor do Instituto Oswaldo Cruz visando torna-la um pequeno museu em memória do seu mestre.

Outros movimentos de maiores proporções foram tomados com a mesma finalidade. Dos quais podemos destacar a criação da Fundação Oswaldo Cruz, em julho de 1922 e da Comissão do Monumento à Memória de Oswaldo Cruz de 1917. A Fundação visava preservar a memória do cientista através da realização de obras de assistência, instrução técnica e educação profissional, já a Comissão visava construir um monumento no Rio de Janeiro que estivesse à altura do trabalho que o sanitarista realizou na cidade.<sup>ii</sup>

O monumento, nas proporções que a Comissão desejava nunca chegou a ser construído e a Fundação com problemas financeiros encerrou suas atividades em 1936. Porém os objetivos pretendidos por essas iniciativas não fracassaram. Se o grandioso monumento não foi construído, muitos outros de menores proporções o foram, por todo o Brasil estátuas foram erguidas em sua homenagem, ruas e até uma cidade no interior de São Paulo foram batizadas com o seu nome. Por outro lado, se a antiga Fundação Oswaldo Cruz durou apenas dezenove anos ainda hoje pode-se perceber a associação do nome de Oswaldo Cruz à ciência e saber, como era seu objetivo. Além é claro do Instituto Oswaldo Cruz que desde 1907 leva o nome do cientista e até hoje divulga o seu nome a nível internacional, e que podemos dizer foi o maior responsável pela criação do mito Oswaldo Cruz.

Hoje em dia todos os esforços pela manutenção da imagem de Oswaldo Cruz concentram-se em Manguinhos. Vemos também que o Instituto e o Castelo remetem a essa memória acima mencionada. A partir daí, tendo o Pavilhão Mourisco como catalisador por excelência da memória de Oswaldo Cruz e mesmo da ciência brasileira, partimos para o questionamento sobre essas memórias.

### 3. A tradição oral

Analisando os depoimentos de nossos visitantes constatamos, como já era de se esperar, a identificação de Oswaldo Cruz ao mito acima citado: o cientista inovador, herói nacional. O mesmo entretanto não se verifica quanto ao Castelo Mourisco, pelo menos não nas mesmas proporções, quando arguidos sobre o porque da construção do prédio. Interessante notar que mais da metade dos entrevistados não associaram a construção do Castelo à um local de trabalho, projetado para abrigar laboratórios. Apenas dezessete dos quarenta entrevistados foram capazes de identifica-lo como tal. Sobre a função do castelo em sua época, as respostas foram as mais variadas, predominando as que identificavam-no como moradia, fosse de Oswaldo Cruz ou não.

O trabalho de Oswaldo Cruz e suas realizações enquanto Diretor Geral de Saúde Pública no Rio de Janeiro também foram bastante mencionados, como o combate a febre amarela e a vacinação obrigatória contra a varíola. Sobre a trajetória de Oswaldo Cruz, percebemos uma clara variação que coincide com a escolaridade de cada entrevistado. Do total de quarenta entrevistados, vinte e sete possuíam ensino superior completo dos quais apenas três não mencionaram os grandes feitos de Oswaldo Cruz. Nos restantes depoentes esse número sobe para cinco, número proporcionalmente bem maior.

Outra comparação apropriada é sobre a identificação do Castelo com o Rio de Janeiro, alguns entrevistados de outros estados (cinco no total) ou mesmo de outro país (apenas um) não estavam tão familiarizados com o prédio principal da Fiocruz ou mesmo estavam vendo-o pela primeira vez. Enquanto que, os restantes entrevistado, provenientes do Rio de Janeiro todos associaram o prédio à Oswaldo Cruz e à ciência de alguma maneira.

Percebemos claramente que a memória dos nossos visitantes está ligada à construção do mito de Oswaldo Cruz. Variando o nível de conhecimento desses sobre o assunto, em geral, gira sempre sobre o mesmo aspecto de idolatria e admiração pelo cientista. Não fomos capazes de encontrar ninguém com críticas ao trabalho e a conduta de Oswaldo Cruz, o que é de fato impressionante. Esse grau de idolatria quanto à personagens históricos é raro de se encontrar na história brasileira. Além de ser fruto de um esforço memorialístico bastante eficiente a ligação de Oswaldo Cruz com a ciência certamente colaborou nesse sentido. A ciência, e ainda mais a medicina científica que Oswaldo Cruz tanto prezava e que hoje em dia é tão prezada por todos, vista como alguma forma de conhecimento imparcial que visa essencialmente a melhoria da vida de todos, torna ainda mais complicado fazer-se críticas a tão devotado cientista. Comparado a outros heróis da história nacional, em sua grande maioria militares ou políticos (ou ambos!) a estes as críticas são bem menos benevolentes. Curiosamente, Oswaldo Cruz é sempre lembrado como o cientista e dificilmente como o político que também era.

#### 4. Expectativas

Os motivos que levaram cada um de nossos depoentes a querer conhecer o castelo são os mais variados, o que é de se esperar de tão heterogêneo grupo. Conseguimos enquadrar as respostas em três grupos: o maior deles foram aqueles que vieram motivados em conhecer a construção que tanto lhes chamava a atenção na Avenida Brasil, ao todo dezoito visitantes, outros vieram pelo museu da vida em si, interessados em todos os espaços do museu, estes foram treze e os restante nove já conheciam o Castelo e retornavam, na maioria com algum conhecido de fora do Rio.

As expectativas de cada um sobre o castelo não são menos distintas. Muitos esperam entrar no castelo e encontrar laboratórios interativos, numa clara identificação deste com o Museu da Vida onde nos outros espaços existem microscópios e brinquedos interativos para o visitante, estes coincidem com os que vieram para pelo Museu. Porém a maioria vem atraídos pela beleza e curiosidade pelo pavilhão mourisco.

Pudemos verificar toda a admiração que o Castelo desperta nessas pessoas. Durante a visita não são raras as exclamações sobre a beleza da construção, sobre o grande trabalho de Oswaldo Cruz, o orgulho pelos dois últimos e pela própria Fundação. É comum também despertar uma certa nostalgia nos visitantes, sobre os "bons tempos" da época em que o castelo foi construído e lamentações de que hoje não haja mais nenhum grande homem como Oswaldo Cruz capaz de realizar obras desse porte. Uma pequena injustiça com os nossos cientistas levada pela idealização de uma época e o deslumbre por tão imponente construção!

Os visitantes, ao entrar no Castelo visam conhece-lo pôr completo, ficando um pouco frustrados pela reduzida parte que lhes é destinada, varandas e corredores até o terceiro andar somente e apenas uma sala no segundo andar! O imaginário que uma construção deste tipo desperta nas pessoas tem algo de fantástico que age como um atrativo a mais para os visitantes.

#### 5. Conclusão

Pudemos observar toda força do mito Oswaldo Cruz. É certamente o maior nome da ciência nacional, sua memória permanece viva no Brasil. O Castelo Mourisco surge como um monumento, mais ou menos espontâneo desse grande cientista e sua obra.

A capacidade dessa construção em despertar curiosidades nas pessoas é enorme, um ótimo chamariz para o museu. Uma vez no interior do castelo, toda essa curiosidade, misturada com sentimentos de admiração e orgulho tornam o espaço ideal para se tratar de assuntos importantes ligados a ciência, não só no tempo de Oswaldo Cruz mas também nos dias de hoje.

Aproveitar-se disto para despertar uma curiosidade científica nos visitantes tem sido o objetivo do Museu da Vida desde sua criação. O mito de Oswaldo Cruz mostra-se de grande valia neste sentido.

## 6. Bibliografia

BENCHIMOL, Jaime L. (org.). *Manguinhos do sonho à vida - A ciência na Belle Époque*. Rio de Janeiro, Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz, 1990.

BRITTO, Nara. *Oswaldo Cruz: a construção de um mito da ciência brasileira*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 1995.

BRITO, Verônica Martins de. "Coleção Monumento a Memória de Oswaldo Cruz" IN.: *História Ciência e Saúde*. Manguinhos v. 2 n. 1 (jul. – out. 1994), Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 1997.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo, Ed. Loyola, 2002

LE GOFF, Jacques. "Memória". IN.: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. 1. 2002,

\_\_\_\_\_. "Documento / Monumento" IN.: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. 1. 2002,

KNAUSS, Paulo. "A construção da imagem de Oswaldo Cruz". IN.: *História Ciência e Saúde*. Manguinhos v. 2 n. 1 (jul. – out. 1994), Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 1997.

---

<sup>i</sup> Dados fornecidos pelo Centro de Recepção do Museu da Vida referentes ao total de visitantes acumulados nos finais de semana, desde janeiro de 2000 até maio de 2003.

<sup>ii</sup> BRITO, Verônica Martins de. "Coleção Monumento à Memória de Oswaldo Cruz."